

MEMÓRIAS

Fernando Mendes Cardoso da Silva, nascido em Travanca, Cinfães, em 06 de Março de 1948.

Antes de ir para a tropa vivia e trabalhava na cidade do Porto.

Após o regresso continuou a viver no Porto e trabalhou na Função Pública de 1973 a 1990 e, desde 1990 até à aposentação em 2013, trabalhou na área de Vendas do Sector Auto.

Não registou quaisquer problemas de integração na sociedade.

Constituiu família e tem duas filhas.

Na partida para Moçambique teve a presença de amigos a despedirem-se.

As Memórias que escreveu:

“Quando do ataque ao Chitolo em 05/01/1971 (vésperas dos Reis), nessa noite, talvez a sorte ou o destino me enviou a fim de, quase certo, salvar a vida de um camarada.

Pois nesse início de noite, muito escura, estava a tentar dormir naquele quarto no Depósito de Géneros, com aquela cobertura de chapa, para a qual outro camarada (o Ferreira, que infelizmente já partiu) lançava, quando bebia, umas latas de cerveja e pedras, que quando batiam na chapa, o coração parecia que não ia aguentar, tal era o ritmo cardíaco (era como um ataque simulado), mas nessa noite foi real.

E foi aí que tinha por companhia um pequeno transístor (que ainda hoje guardo) que normalmente estava sintonizado numa estação emissora, talvez a única, que só transmitia música africana, mas nessa noite, por incrível que parecesse, só transmitia música dos Reis (cantar os Reis) que se usava muito, em especial nas aldeias.

Foi então que a sorte bateu à porta do camarada Albano Ribeiro, pois saí correndo a chamá-lo para que ele ouvisse essa música, pois tinha a certeza que ele gostaria.

Então, na escuridão (que ainda hoje tenho gravado) vi um ponto luminoso na mesa debaixo das bananeiras, e lá estava o meu amigo, aquele que não dormia de noite para que todos nós tivéssemos o pão fresco para o pequeno almoço.

O que estaria ele a pensar, só com o seu cigarro?

— Ribeiro, vem depressa ouvir os Reis no meu rádio!

E lá corremos os dois para ouvir a música de que tínhamos saudades. Mas não chegámos a ouvi-la, pois estávamos a chegar junto do Depósito de Géneros quando caiu a primeira granada de morteiro, e logo a poucos metros de onde o camarada Ribeiro meditava.

Como será fácil de imaginar, se ele não tivesse saído dali, não teria hipótese alguma de sobreviver.

Mas outra questão que muitas vezes eu pergunto a mim mesmo é, porquê ir chamá-lo e não levar o pequeno rádio e ouvirmos a música os dois, sentados naquela mesa improvisada, debaixo das bananeiras, junto à padaria.

Se o tivesse feito, e aqui pode estar o factor sorte, pois não seria apenas um, mas dois a sermos atingidos pêlos estilhaços dessa primeira granada de morteiro (de que ainda guardo a empenagem), pois na manhã seguinte encontrei no local essa peça.

É esta uma das minhas memórias, felizmente boa. Hoje continuamos amigos e quase vizinhos.

Fernando Cardoso da Silva
1º Cabo
CCaç 2702-Moç. 70/72

2015
in <http://CC2702.EU>

